

MEMÓRIA E IDENTIDADE(S) EM MULHERZINHA GIGANTE, DE DANIELA SILVA

MEMORY AND IDENTITY IN MULHERZINHA GIGANTE, BY DANIELA SILVA

MEMORIA Y IDENTIDAD(S) EN MULHERZINHA GIGANTE, DE DANIELA SILVA

Taynara Leszczynski¹

O livro *Mulherzinha gigante*, de Daniela Silva, foi publicado em 2020, pela editora paulista Patuá. Ele tem 108 páginas e pode ser considerado um romance, com o adendo de que apresenta uma construção bastante singular. Em vez de termos uma divisão por capítulos, deparamo-nos com “quadros” dispostos em ordem numérica. Cada quadro, do primeiro ao último (décimo terceiro) apresenta um subtítulo referente à lembrança que será abordada ali. Esse modelo de narrativa fragmentada retoma à ideia de como a própria memória é constituída, de modo que aqui forma e conteúdo dialogam muito bem, enriquecendo a experiência de leitura, bem como, construindo significações mais amplas.

Apesar do livro ser em prosa, é notória a presença de uma linguagem poética constituindo a sua escrita, tanto pela subjetividade quanto pela sensibilidade que ecoam de suas folhas. Não por acaso, sua autora, Daniela Silva, também é poetisa e, inclusive, possui uma página virtual de poemas. Ademais, além de ser escritora, ela também é professora na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), em Guarapuava, no Paraná, onde ministra disciplinas de Literatura e ainda oficinas de escrita.

Natural de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Daniela Silva graduou-se em Letras pela FURG e fez o seu mestrado e o doutorado em Teoria da Literatura na PUC-RS, sendo que realizou parte de seus estudos em Stanford-EUA. Posteriormente, também concluiu o seu pós-doutorado no exterior, dessa vez, na Argentina. Atualmente, ela também coordena um grupo de estudos chamado “A Escrita Criativa na Universidade”, no qual tem como objetivo dar mais visibilidade para essa área nos estudos literários.

Mulherzinha gigante conta com ilustração, projeto gráfico e diagramação de Leonardo Mathias e um prefácio da escritora Helena Terra que inicia chamando a atenção, justamente, para o sentido de um livro. Comparando-lhe com uma casa, a autora evidencia que cada leitor/morador que o

¹ Mestra em Letras (UNICENTRO). Doutoranda em Estudos Literários (UFPR).
E-mail: taynaraleszczynski97@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8219-0885>

habita o faz de forma singular, atribuindo assim um novo significado. Abraçando essa comparação proposta por Helena, pontuo na presente resenha como foi a minha estada nesse romance, evidenciando todas as emoções, reflexões e, sobretudo, interpretações que ele me proporcionou.

O livro é dedicado à memória do escritor gaúcho João Simões Lopes Neto, conterrâneo de Daniela, tanto de estado quanto de cidade. Dessa forma, teremos várias relações com o espaço e a cultura rio-grandense-do-sul na narrativa. A narradora do romance é uma biógrafa que está em busca de informações para escrever a história de João Cardoso que se bem lembramos é também o nome de um personagem dos contos gauchescos de Lopes Neto.

O personagem de Lopes Neto é conhecido por ser um grande prosador que gosta muito de falar e de saber as novidades dos viajantes e demais pessoas que passam por perto de sua propriedade. Para isso, sempre “prende” essas pessoas com a promessa de fazer um “mate”, todavia, esse mate nunca sai e nessa longa espera por ele, João Cardoso consegue conversar bastante com seu(s) convidado(s), que por sua vez têm grandes dificuldades para “se livrar” do anfitrião e seguirem os seus caminhos. “O João Cardoso era um sujeito que vivia por aqueles meios do Passo da Maria Gomes; bom velho, muito estimado, mas chalrador como trinta e que dava um dente por dois dedos de prosa, e mui amigo de novidades” (LOPES NETO, 1976, p. 20).

Nesse sentido, João Cardoso passou a constituir o folclore local, virando praticamente uma lenda gauchesca, sempre lembrado frequentemente como sinônimo de “conversa fiada”. “Até hoje, quando um indivíduo inventa lorota, se usa: para de *cardoseá*, fulano!” (SILVA, 2020, p. 20). “Os mates do João Cardoso criaram fama... A gente daquele tempo, até, quando queria dizer que uma cousa era tardia, demorada, maçante, embrulhona, dizia — está como o mate do João Cardoso!” (LOPES NETO, 1976, p. 20). É interesse destacar que no tempo em que a história de Lopes Neto se passava, a principal fonte de comunicação daquela região era justamente através dos viajantes, visto que se tratava de meados do século XIX. “Também... naquele tempo não havia jornais, e o que se ouvia e se contava ia de boca em boca, de ouvido para ouvido” (LOPES NETO, 1976, p. 20).

Em *Mulherzinha Gigante*, de certa forma, a biógrafa também perpassa essa construção de sentido através do “boca a boca”, pois é a principal fonte de conhecimento que ela tem acesso para entender a figura de João Cardoso. É pertinente observar que embora esteja procurando escrever a biografia de alguém, ela parece ainda estar constituindo a sua própria no meio dessa procura. Ao conhecer o outro, ela também conhece melhor a si mesma. Resgatando as pequenas memórias que constituem uma identidade, esse é um livro que traz uma sensibilidade ímpar e com isso deslizamos ora para as alegrias da biógrafa ao encontrar alguma informação e ora para a sua tristeza diante da ausência.

Desse modo, mesmo que todos os “quadros” dialoguem em prol da constituição do sentido do romance, cada um tem a sua particularidade. Como se captasse uma cena da vida cotidiana em cada quadro, o livro traz toda uma atmosfera cinematográfica, uma vez que é perpassado por *flashbacks*. Essa forma clama por uma leitura em movimento e, nesse sentido, o leitor também passa a ser um andarilho pelos becos da memória.

Ademais, o último capítulo/quadro do livro intitula-se “*Petit Cinéma*” (Cinema Pequeno), o que realça a atmosfera multimídia desse espaço. Além disso, nele há quatro subtítulos: Soleira da porta, Biblioteca, Obturador aberto e Obturador fechado. Os dois últimos, sobretudo, nos trazem a imagem de uma câmera a fotografar e assim que o obturador fecha, a imagem concretiza-se e é nesse momento que o livro se encerra, aliás, com uma última frase que resume muito bem a que propósito ele veio “Como uma artista de circo, apresento espetáculos, sobre gentes comuns, que leitoras e leitores normais não saberiam ler.”

Dessa maneira, chama-nos muita atenção o fato de que tais memórias trazidas à tona não são lembranças de grandes acontecimentos, mas sim de situações simples, que vão desde a sua infância até à vida adulta. Tais fragmentos fortalecem o imaginário do leitor e estabelecem uma conexão para com o seu próprio horizonte de expectativa, pois proporcionam uma árdua reflexão acerca da importância da memória, evidenciando que ela é fundamental para a constituição da subjetividade do ser. Quem somos é parte de quem fomos.

Outro quadro/capítulo que se destaca no livro é o oitavo, homônimo ao título do romance, “Mulherzinha Gigante”, ele é a parte que melhor apresenta-nos essa narradora transeunte, especialmente, por meio de um percurso através de si mesma. “Saiba de pronto que não me encaixo aqui” (SILVA, 2020, p. 63) evidencia a biógrafa ao percorrer pelos escombros de sua memória buscando um local no qual talvez algum dia sentiu-se em casa. Ela não encontra, mas segue na busca, como em uma eterna e inquietante movimentação: “Destino certo dos que movem, o Absurdo me consome” (SILVA, 2020, p. 64).

A partir das conversas da biógrafa com as mais diversas pessoas e da retomada de suas anedotas em prol da sua investigação sobre João Cardoso, nós, leitores, entendemos que o percurso é tão relevante quanto a chegada. Assim, há um apontamento da necessidade de valorização das condições de produção da obra artística/literária, não apenas do resultado final. A história da busca, isto é, da caminhada da biógrafa e seus anseios e descobertas são fundamentais e a através dela também nos deparamos com certa metaficção, uma vez que ela é uma escritora que reflete sobre o processo de escrita dentro de um livro. Em outras palavras, podemos lê-lo como uma metaficção porque ele expõe as regras de seu funcionamento.

Ainda nesse contexto, o livro também traz uma crítica em relação à nossa sociedade imediatista. Em uma das passagens do livro, a biógrafa é cobrada pelo seu editor em relação aos personagens e as situações de sua história não estarem “muito claros”, isto é, de não serem de fácil e rápido entendimento. Ela responde de maneira poética que se trata de uma percepção mais profunda, uma descontinuidade, precisamente, a ideia de trazer algo que incomode, que cause estranhamento. Contudo, o editor não concorda com isso. Ele quer foco, planejamento, cumprimento de prazos. Morte à poesia.

Com base no que foi apontado, vemos que *Mulherzinha gigante*, de Daniela Silva, embora não seja um livro de grande extensão, é um livro grandioso, uma vez que ele evoca diversas questões contemporâneas que permeiam a identidade do ser. Em um mundo caótico, cujo um de seus efeitos é a sensação do não conhecimento de si, a literatura pode ser uma ferramenta para o a reflexão e, conseqüentemente, para o entendimento não apenas do eu, como também do outro. Ademais, o livro é ainda de suma importância para os estudos literários, visto que por meio dele podemos (re)pensar a estrutura do romance.

Referências

- LOPES NETO, João Simões de. O mate do João Cardoso. *In: Contos Gauchescos*. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. pp. 22-23.
- SILVA, Daniela. **Mulherzinha Gigante**. São Paulo: Patuá, 2020.

Recebido em: 27/3/2022

Aprovado em: 11/5/2022